

Reflexões e pensamentos sobre a Pedagogia da Esperança de Paulo Freire

Sara Veríssimo Freitas¹

Reflections and thoughts on Paulo Freire's Pedagogy of Hope

Quando penso em Educação, Educação como a conheço em Portugal, penso que não gostei nada dos meus tempos de escola. Gostava de estudar e ler e casa, em voz alta sem ninguém para me criticar ou me julgar. Gostava, ainda dentro dos programas curriculares necessários, de me debruçar um pouco mais sobre este ou aquele tema.

Muito resumidamente, conheci Paulo Freire, o seu legado e os seus escritos, aos 34 anos de idade pela Professora Doutora Judite Primo. Uns anos depois, creio que em 2018 a minha colega e amiga Moana Soto apresenta no seu seminário de segundo ano de Doutoramento o pensamento de Paulo Freire. Em 2019 nasce este projeto do qual comecei a fazer parte apenas e só como ouvinte. Comecei a ler os escritos de Paulo Freire passado uns meses, achava tão cativante o modo de como um homem apaixonava e unia duas mulheres tão fortes e únicas.

Apesar de tratar todos os autores que leio e sobre os quais trabalho com enorme respeito, sinto o peso dos olhos de Paulo Freire (que nunca conheci) sobre mim esta noite. Portanto em memória do seu legado, refletirei sobre alguns dos pontos para mim são chaves da sua obra “Pedagogia da Esperança – um encontro com a Pedagogia do Oprimido”.

No entanto, este artigo não procura apenas fazer uma leitura estanque, pois Paulo Freire, tal como a sua Filosofia, que neste caso se traduz num verdadeiro amor à(s) sabedoria(s), é muito mais do que apenas estas duas obras, e diria mesmo, que o seu legado escrito. Costuma-se dizer que alguém só morre quando deixamos de prestar homenagem a essa pessoa. Este artigo, presente neste volume pretende ser um sopro de Vida, de Amor e de Sabedoria que nos uniu a todos nestes ciclos de conferências e nestes artigos existentes neste volume que uniu pessoas das mais diversas partes do Mundo. Deste modo, continuaremos a falar de Paulo Freire, que ele nasça e renasça nas nossas palavras e escritos.

¹ Licenciada em Filosofia pela FLUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); Pós-Graduação em Museologia da Universidade Nova de Lisboa; Mestre em Museologia pela ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias) e Doutoranda em Museologia pela mesma casa. Frequentou vários estágios e voluntariados em diversas tipologias de museus portugueses (Arqueologia; Desporto; Comunicações; Etnologia; Ciências e Arte).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2833-2974> | E-mail: sara_verissimo_freitas@hotmail.com

“A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação na sociedade”. (Freire,2003; p.100)

Voltando um pouco a nosso início, de uma necessidade emergente de repensar a educação portuguesa, mas também, parece-me, noutras sociedades em que impera o formalismo da academia, onde não existe espaço para reflexão não só sobre os conteúdos mas sobre a maneira de como são transmitidos. Penso que quando pensamos num mundo dos museus, essa mesma transmissão acontece. Tudo o que é possível de ser transmitido, é apenas feito de forma unilateral, sem diálogo, sem vida. Então a primeira ação que podemos realizar, e como seres dotados de uma racionalidade, é exercer esse mesmo sentido de questionamento, “O animal, por isto mesmo, não pode comprometer-se. Sua condição de a-histórico não lhe permite assumir a vida, e, porque não a assume, não pode construí-la. E, se não constrói, não pode transformar o seu contorno.”. (Freire,1987; p.57) A palavra porquê é de um sentido fundamental para esta mudança, essa transformação e extravasamento de sentido, só vai fazer adquirir significado quando formos capazes de nos questionar sobre o que nos é transmitido, porque ao não fazemos esse questionamento estamos a autocondicionarmos “Nem somos, mulheres e homens, seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos.” (Freire,2002; p.51). Deste modo, torna-se imprescindível não nos autossabotarmos impedindo a atualização da nossa potência², em última análise a nossa evolução. Mas podemos colocar aqui uma outra questão: será que ao termos este comportamento, ou seja de atrapalhar a nossa evolução, estamos apenas a frutar-nos a nós?

Voltando à ideia anterior, torna-se necessário questionar esses mesmos saberes que nos são transmitidos. Temos de conseguir combater o saber acabado, essa estrutura rígida e ultrapassada, que ainda só vai fazendo algum sentido nas ciências exatas, onde convencionalmente temos que “ $2*2=4$ ”. Então esse conhecimento exato, ele pode ser aproximado a um conhecimento acabado, mas isso não se passa com as ciências sociais. Se o mundo se altera, e nós somos seres no mundo, a sociedade altera-se, logo o “eu” também se devia transformar, “O mundo encurta, o tempo se dilui. O ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante”. (Freire,2000; p.49) É através desta consciência de que estamos no mundo que se dá, segundo Paulo Freire, o momento revelador enquanto seres pensantes e responsáveis, ou seja, a nossa missão, que mais não se afirma do que uma responsabilidade ética com os demais, numa relação completamente transparente com os nossos pares,

“Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade da minha ausência na construção da própria presença. Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo”. (Freire,2000; p.51)

Então quando Paulo Freire nos presenteia com a capacidade de o ser humano “ler o mundo” através “da leitura das palavras”, trata-se não só de uma observação apurada, mas também de o saber que se vai refazendo à medida que vamos crescendo e dialogando com os nossos pares e com o mundo em nosso redor, “Nem a leitura apenas da palavra, nem a leitura somente do mundo, mas a duas dialeticamente solidárias”. (Freire,2003; p.102). Neste sentido Paulo Freire lembra-nos que não somos ilhas, que estamos inseridos numa comunidade, e que só com um pensamento crítico estamos aptos a melhorá-la, na continuação que estamos a

² Conceitos aristotélicos que procuram explicar a origem do movimento na natureza, mas podendo ser aplicado a outras áreas do conhecimento, como o nosso desenvolvimento. Sendo a potência o que nós podemos ser, e a atualização o que nós somos de fato.

trabalhar para a nossa melhor versão. Olhando para a prática de Paulo Freire, nos dias de correrem, ela é bastante atual, pois traduz-se numa máxima utilizada para o desenvolvimento pessoal. Ao trabalharmos a nossa melhor versão, estamos a ser impulsionadores do desenvolvimento da nossa comunidade, “Todos os Povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam e mundo e, ao transformá-lo, se transformam.” (Freire,1989; p.42) Neste modelo, Paulo Freire é completamente diferente dos restantes educadores, ele assume-se como um aventureiro, “Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.” (Freire,2002; p.26)

Mas para que tal seja possível, não podemos continuar a aceitar uma educação acrítica, de conhecimentos feitos e que não muda à medida que os tempos vão mudando, que nunca são revistas face aos problemas atuais, que não reconhecem a mudança dos tempos e das pessoas que neles vivem, “A consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência, juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história.” (Freire,1987; p.11) Mas Paulo Freire adverte-nos ainda que esse conhecimento não nos sirva, ele pode ser sempre adapta-lo, pois nada é tão mau que mereça ser completamente obliterado. Assim, podemos sim partir dessas ferramentas, desconstruindo-as, melhorando-as, “Partir do <saber de experiência feito> para superá-lo não é ficar nele. (Freire,2003; p.71). Neste sentido, muito do que Paulo Freire nos traz é inteiramente novo, e apesar do tempo que decorreu desde das suas publicações, ainda assim são bastante atuais. Ainda que sejam escritos num determinado contexto, eles são metafísicos possíveis de existir em todos os tempos e em todos os lugares.

“No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. E algo que me parece importante, no contexto geral de que venho falando, emerge agora insinuando a sua presença no corpo destas reflexões.” (Freire,1989; p.10)

Assim, Paulo Freire guia-nos de novo à infância, aos primeiros momentos de comunicação. À escuta, ouvindo os outros e aprendendo com eles,³ à leitura, não só das letras, mas do mundo, e à escrita, sendo que os primeiros escritos que fazemos são sobre nós e sobre a nossa família, e à fala, neste método expressa pelo diálogo. Estes assim são segundo Paulo Freire os pilares essenciais para o uso crítico de uma razão “Para nós, não tinha sentido ensinar ao nosso Povo um puro b-a-bá. Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. Para pensar certo devemos pensar sobre a nossa prática no trabalho. Devemos pensar sobre a nossa vida diária”. (Freire,1989; p.32) Mas do decorrer da vida, vamos esquecendo destes pequenos-grandes paços, à medida que a nossa existência vai ganhando complexidade. Nesta sofisticação, baseada muitas vezes nos currículos vamo-nos esquecendo de comunicar conhecimento e passamos a debitar matéria, num discurso repetitivo.

“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” (Freire,2002; p.36)

Este modelo, pequenos-grandes passos, deveria ser aplicado a todas as áreas do conhecimento, e a todos os momentos das nossas vidas, não aceitando conhecimento apenas porque nos foi transmitido por alguém “supostamente mais sábio que eu”⁴ Deste modo,

³ As crianças aprendem pela imitação, pois inconscientemente vêm conhecimento nos seus pares.

⁴ Parte do desenvolvimento pessoal, como hoje o conhecemos, parte também do facto de não nos compararmos com ninguém. Ninguém é igual, todos temos ADN diferenciado que devia espelhar algo

também não devemos aceitar museus acrílicos, museus de saber feito, museus acabados, museus que não mudam a exposições, museus parados, mas podemos melhora-los, “Tudo ou quase tudo nos levando, desgraçadamente, pelo contrário, à passividade, ao <conhecimento> memorizado apenas, que, não exigindo de nós a colaboração ou reelaboração, nos deixa em posição de inautêntica sabedoria”. (Freire,1965; p.96) Tal como na educação, torna-se imperativo novas leituras, porque só nessas novas leituras, de pessoas e de objetos, podemos continuar a ter uma leitura clara do mundo, “A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo”. (Freire,2003; p.79)”. Leitura não apenas de palavras, mas dos objetos, das pessoas e do mundo. Um dos problemas apontados por Paulo Freire é mesmo esse esquecimento da curiosidade que tínhamos nas nossas primeiras existências, mas também do posicionamento⁵ que fazemos enquanto crianças e em que sabemos muito bem o que queremos. “O de que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica.”. (Freire,2002; p.21) Creio, que um dos problemas fundamentais nos museus e nas escolas, se prende com a falta de identificação que nós temos quando olhamos ou ouvimos algo nas escolas e nos museus, realidades das quais não nos vemos refletidos/as, que não comunicam, que se limitam apenas a estar lá, mas que voltando as coisas não estão lá mais, que não perduram no nosso consciente, porque não são sobre nós, nem para nós “<Este texto> disse ele, <foi escrito sobre mim. Ele trata de mim>”. (Freire,2003; p.75). Só assim, neste espelho refletido, estarão os museus a comunicar connosco. Isto torna-se digno de menção porque os museus, para além de terem um discurso unilateral, não comunicando com os públicos, eles também são unilaterais quando contam apenas a história dos povos vencedores em suas exposições. Isto faz-nos pensar essencialmente que não somos merecedores de ser reconhecidos como agentes de conhecimento.

“De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua <incapacidade>”. Falam de si como os que não sabem e do <doutor> como o que sabe e a quem devem escutar”. (Freire,1987; p.32)

Paulo Freire chama também atenção a esses processos históricos e narrativos que acontecem nos discursos dos órgãos que estão no poder, “O que não é lícito fazer é esconder verdades, negar informações, impor princípios, castrar a liberdade do educando ou puni-lo, não importa como, porque não aceite, por várias razões, o meu discurso”. (Freire,2003; p.84). Então estes museus, os que não contam a história com o sangue e sacrifício das lutas, sejam elas individuais ou coletivas, passam também, uma mensagem política, pois essas intuições estão ligadas, elas mesmas, a tutelas, “Descrença no seu poder de fazer, de trabalhar, de discutir. Ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença do homem. Na crença em que ele não só pode mas deve discutir os seus problemas”.(Freire,1965; p.96) Então que mensagens procuramos transmitir nesses museus e nessas escolas? Ou nos dois (vendo museus e escolas como extensões recíprocas um do outro).

Um pouco por toda a história destas e de outras intuições, observamos, como anteriormente supracitado de como os museus e escolas foram agentes silenciadores dos discursos dos educandos e dos públicos.

para além dos genes, neste caso devemos também admitir que todos nós temos experiências de vida diferentes e que, como tal, não podemos estar todos no mesmo ponto evolutivo da vida, sendo que uma coisa que para mim é evolução, para outro, pode ser regressão. Todos somos diferentes.

⁵ Voltando à infância, podemos lembrar que em nossas brincadeiras todos queremos ser os nossos papéis bem delineados: “eu quero ser a Princesa” ou “eu quero ser o Doente”. O vamos brincar a... Atualmente existe uma consciência um pouco maior do que o que nos “alimenta” e não o que os outros nos querem dar a comer, ainda que estejamos muito longe desse paço autêntico, em que o sonho comanda a vida.

“O antidiálogo que implica uma relação vertical de A sobre B, é o posto a tudo isso. É desamoroso. É acrítico e não gera criticidade, exatamente porque desamoroso. Não é humildade. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente. No antidiálogo quebra-se aquela relação de <simpatia> entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados”. (Freire,1965; p.108)

Desde de sempre, fomos formatos a não ter uma opinião formada, a não sermos parte desse processo. Isto tudo, este silêncio, gera ele também um processo de introversão cumulativa, ou seja, quando somos convidados a discursar as palavras e as ideias custam a sair e há uma estranheza implícita neste processo. Como Paulo Freire menciona, “Era como se, de repente, rompendo a <cultura do silêncio>, descobrissem que não apenas podiam falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, era uma forma de refazê-lo”. (Freire,2003; p.40) Todos estes processos de silenciamento acabam então assim, por ser, pouco democráticos, sendo até imperialistas. E o educando vai vivendo esta submissão, esta ordem, por ignorância, que interessa ser mantida, e por medo, de ao revoltar-se perder um pouco que tem, “Na verdade, no ajustamento, o homem não dialoga. Não participa. Pelo contrário, se acomoda a determinações que se superpõem a êle. As disposições mentais que criamos nestas circunstâncias foram assim disposições mentais rigidamente autoritárias. Acríticas.” (Freire,1965; p.74). É uma ordem necessária de ser mantida, em detrimento do poder vigente. Paulo Freire, ao ensinar palavra por palavra, ensinava em que medida essa palavra essa palavra se relacionaria com a realidade. Ele numa das inúmeras práticas pedagógicas usou o conceito de “Tijolo” partindo para análises profundas onde essa matéria prima é utilizada. O método Freiriano é também a conjunção do modelo platônico, em que de um objeto partimos para uma ideia, trabalhando essa ideia em todas as suas potencialidades, e o modelo aristotélico, de observação empírica da realidade, trabalhando-a e tomando-a como referência e horizonte de sentido.

“A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim, inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só a de a ele se adaptar. É neste sentido que as mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas mexem nele. É por isso que não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e nos torna portanto históricos”. (Freire,2000; p.20)

É então trabalhando nessa realidade que Paulo Freire faz uma das críticas mais mordazes ao modelo de ensino. Modelo esse que nunca havia sido alterado e que funcionava como sistema de perpetuação do poder. Metaforicamente falando se o povo se mantivesse ignorante, o clero e a nobreza poderiam fazer tudo o que lhes aprofesse, “E seria sobre esta vasta inexperiência caracterizada por uma mentalidade feudal, alimentando-nos de uma estrutura econômica e social inteiramente colonial, que inauguraríamos a tentativa de um estado formalmente democrático”. (Freire,1965; p.79) Assim acima de tudo Paulo Freire apela para uma democratização dos saberes, com vista a participação de todos, através desses pequenos-grandes passos que visam a obtenção de uma consciência e de um raciocínio crítico.

“Enquanto, na concepção “bancária” – permita-se-nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo.”. (Freire,1987; p.46)

Indo novamente na ideia anteriormente supracitada, temos dois pontos a ter em conta e que são importantes para os processos universais. O primeiro trata-se da necessidade de mudar o sistema de transmissão do conhecimento, seja nas escolas ou noutras instituições que funcionem como extensões das mesmas, como o caso dos museus, sendo resultado do primeiro ponto é que ao transmitir o conhecimento, é importante transmiti-lo como um todo, “A sua

participação, que implica numa tomada de consciência apenas e não ainda numa conscientização – desenvolvimento da tomada de consciência – ameaça às elites detentoras de privilégios.”. (Freire,1965; p.55) Dar a conhecer que na guerra, ou noutra processo de conquistas, existem dois lados. Um sacrificante e outro sacrificado. Que nem sempre a História é um processo pacífico ou linear, “Assim vivemos todo o nosso período de vida colonial. Pressionados sempre. Quase sempre proibidos de crescer. Proibidos de falar. A única voz, no silêncio a que éramos submetidos, que se poderia ouvir, era a do púlpito”. (Freire,1965; p.75)

Neste sentido, nós não podemos aceitar como verdade absoluta o que nos é transmitido, “Em outras palavras, corremos o risco de cair seduzidos ou pela tirania da liberdade ou pela tirania da autoridade, trabalhando, em qualquer das hipóteses, contra a nossa incipiente democracia”. (Freire,2003; p.23). Verdade não existe, mas existem várias verdades, e que essas mesmas estão sujeitas ao devir dos tempos, “Pensávamos juntos numa educação que, respeitosa da compreensão do mundo das crianças, as desafiasse a pensar criticamente. Uma educação em cuja prática o ensino dos conteúdos jamais se dicotomizasse do ensino do pensar certo. De um pensar antidogmático, anti-superficial. De um pensar crítico, proibindo-se a si mesmo, constantemente, de cair na tentação do puro improviso”. (Freire,2003; p.168). Temos de conseguir educar para várias leituras do mundo, para aceitar leituras do mundo diferentes da nossa. Aceitar as diferenças é também um ato educativo. Aceitar essa abertura ao diálogo é também assim, um ato de amor e de humildade,

“Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados.”. (Freire,1987; p.51)

Tal raciocínio leva-nos à segunda premissa: a necessidade de o pensamento crítico sobre o que nos é transmitido tendo, também, como resultado a decolonização do pensamento. Paulo Freire, como educador e filósofo que prima a educação como praxis libertadora reflete que a educação transmitida como educação bancária não permite pensar criticamente sobre os conteúdos a serem desenvolvidos, “... vêm proclamando que o analfabeto não sabe pensar, decidir e optar, portanto não lhe deveria ser reconhecido o direito de votar. Diz-se ainda que os eleitos por estes seriam também os incultos e igualmente <nocivos> à nação”. (Freire,2003; p.236)”. Tal fundamentação leva, conseqüentemente, ao não questionamento de parte mais frágil deste processo: os educandos. Estes ao não pensarem criticamente sobre as matérias, irão aceitar e confiar o conteúdo que lhes for transmitido, “Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar crítica-mente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel.” (Freire,1987; p.10) Então assim, voltamos um pouco na História para os “Descobrimientos” veremos um padre e dar um sermão aos “selvagens”.

O problema dos processos históricos fundados em premissas e conjunturas de valores desiguais é que eles persistem em ficar. Então países e povos oprimidos tendem a ser oprimidos bastante tempo depois no início da opressão, “Por isso, as dominantes ensinam quando e se lhes apetece; as dominadas aprendem, a custa de muito esforço”. (Freire,2003; p.115). Assim, ao aceitarmos uma educação ou comunicação museal nestes parâmetros estamos a aceitar que existe desigualdade de saberes, e mais, que essa distinção assente em processos históricos sustentados pela violência, resultando assim, em formas de violência prolongadas: racismo; machismo e toda a violência assente nesse fechamento mental, consequência desses mesmos decursos, “A compreensão da história como possibilidade e não determinismo, a que fiz referência neste ensaio, seria inteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista sente incompatível com ele e, por isso, o nega”. (Freire,2003; p.92). Neste entendimento, nada está fechado. Precisamos também de aceitar que o mundo se transforma, ele muda, e nós temos de mudar com ele, “É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo”. (Freire,2000; p.36)

É neste sentido, que Paulo Freire apela para uma necessidade de mudança. Nós não podemos nem devemos apagar os processos históricos, eles estão lá, para o bem e para o mal, mas não podemos compactuar com discursos que ainda comprometem com o direito à vida e à liberdade de vivência dessa vida, “Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. “. (Freire,1987; p.19) Para mim não é apenas o direito à liberdade de pensamento ou de sermos quem quisermos ser, mas trata-se de a liberdade de existir, respeitando e sendo respeitada nas minhas escolhas. E é então nesse papel que como comunicadores⁶ temos de abraçar a mudança, quebrar os paradigmas, trabalhar nos campos atuando,

“Por tudo isto, não há outra posição para o educador ou educadora progressistas em face da questão dos conteúdos senão empenhar-se na luta incessante em favor da democratização da escola como necessariamente a democratização, de um lado, de programação dos conteúdos, de outro, da de seu ensino”. (Freire,2003; p.113)

A democratização da escola não passa apenas pela democratização dos conteúdos dados, de temas sobre opressão e violência; passa também pela democratização das metodologias e de o modo como as matérias são transmitidas, respeitando o tempo e o espaço de cada um,

“É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças”. (Freire,2003; p.157)

Tais ideias acima supracitadas é que procuram ditar o papel do educador, de um educador progressista, que procura não só transmitir conteúdos, mas que os seus educandos aprendam, também, a pensar. Tal segundo Paulo Freire, deveria também ser o fundamento da ética profissional, “O que se exige eticamente de educadoras e educadores progressistas é que, coerentes com seu sonho democrático, respeitem os educandos e jamais, por isso mesmo, os manipulem”.(Freire,2003; p.80) Uma comunicação comprometida com o livre-pensar, que não tenha por base relações de poderes desiguais, que não exista essa fronteira entre detentores de conhecimento e ignorantes, porque ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo, sendo que todos somos fontes de conhecimento, “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa.”. (Freire,1989; p.39) Só na educação, como prática libertadora, é que homem se torna capaz de se construir. É através da libertação de mentes e de ideias que o homem sonha, que o homem constrói essa utopia, “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.” (Freire,2002; p.13/14)

Nesta ideia, precisamos de esperança, mas não de uma esperança enquanto sujeito passivo, nós enquanto agentes ativos nestas mesmas metodologias, teremos de ser capazes de ter um papel ativo também, “Precisamos de esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída”. (Freire,2003; p.10) Paulo Freire tenta apelar assim, para uma educação libertadora, crítica, que permita que os educandos e públicos cresçam com as suas próprias ideias, que não se sintam humilhados, diminuídos, “É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda

⁶ Entendo por comunicadores museólogos; educadores, formadores e qualquer pessoa que se debruce sobre o ato de ensinar e de formar.

uma nova ética fundada no respeito às diferenças”. (Freire,2003; p.157) Assim, ainda na senda desta ideia Paulo Freire sublinha uma prática fundamentalmente ética, respeitosa e igualitária. A perversidade dos sistemas é que eles nos fazem crer que as pessoas têm diferentes valores, no sentido, não de diferença cultural, mas de diferença de conhecimento, ou seja, por defeito do mesmo, “Se perde pelo arrogante excesso de certeza de suas certezas, pela conseqüente falta de humildade, pelo exercício autoritário de seu poder. Se perde por sua modernidade”. (Freire,2003; p.198) Deste modo, o colonialismo ajudou a criar um imenso abismo com base racial, onde brancos eram superiores aos negros onde o rico era superior ao pobre, medindo o homem apenas pelo seu “poder de compra”, mas também pelo desespero que sentia.

“A distancia social existente e característica das relações humanas no grande domínio não permite a dialogação. O clima desta, pelo contrário, é o das áreas abertas. Àquele em que o homem desenvolve o sentido de sua participação na vida comum. A dialogação implica na responsabilidade social e política do homem. Implica num mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio.”. (Freire,1965; p.70)

O outro é diferente a mim, logo é inferior a mim. “Que os humilha precisamente porque introjetam a ideologia dominante que os perfila como incompetentes e culpados, autores de deus fracassos cuja *raison d'être* se acha porém na perversidade do sistema”. (Freire,2003; p.56) Neste âmbito, é então necessário resistir a este sistema opressivo, é preciso sonhar, é preciso esperar, “O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz”. (Freire,2003; p.99) Torna-se necessário quebrarmos os padrões, os títulos, os egos. Se nós hoje podemos ler este texto, e eu pude escreve-lo, é porque me foram dadas ferramentas para que isso acontecesse. Não basta debitar matéria, mas é preciso comunica-la, é preciso progredir e ser progressista,

“O papel do educador ou da educadora progressista, que não pode nem deve se omitir, ao propor sua <leitura do mundo>, é salientar que há outras <leituras do mundo>, diferentes da sua e às vezes antagônicas a ela”. (Freire,2003; p.113)

Em todo este percurso que procuramos trilhar nas “andarilhagens” de Paulo Freire, nós não podemos assumir um papel passivo novamente. A educação a que Paulo Freire nos procura chamar a atenção baseia-se num assumir as rédeas do nosso destino, sair da passividade da “educação bancária” e procurar esse modo de potenciar as nossas qualidades, “Nem todos temos a coragem deste encontro e nos enrijecemos no desencontro, no qual transformamos os outros em puros objetos. E, ao assim procedermos, nos tornamos necrófilos, em lugar de biófilos. Matamos a vida, em lugar de alimentarmos a vida. Em lugar e buscá-la, corremos dela.”. (Freire,1987; p.80). Paulo Freire admite também, que este caminho não é um algo fácil de trilhar⁷, não sendo também, sempre linear. Mas ele adverte também para necessidade de nos manifestarmos para quebrar os ciclos viciosos de silenciamento epistemológico,⁸ resultado também do pensamento colonial, “E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto.”. (Freire,1965; p.43)

⁷ Voltando um pouco novamente à gíria do desenvolvimento pessoal. Trilhar mais não é que andar sobre um terreno não muito acessível e como tal de difícil caminhada. Os próprios conceitos que Paulo Freire usa revelam a solidez e lucidez do seu pensamento. Ele entende perfeitamente as dificuldades de quebrar os ciclos.

⁸ Resolvemos adaptar um pouco o conceito da Professora Doutora Judite Primo de colonialismo epistemológico para silenciamento epistemológico de modo a conseguirmos ir mais além da realidade portuguesa e das ex-colónias.

Deste modo, Paulo Freire não pensou apenas em alfabetizar as comunidades, mas também em pensar o processo do processo, ou seja, o processo de alfabetização. Nos porquês e nos comos. É um processo de conscientização das comunidades, não se tratando apenas de uma aprendizagem curricular, mas uma Sabedoria com fundamentação política, “Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites”. (Freire,1965; p.142) Assim, a alfabetização pelo método freiriano não pretende apenas explicar o A, B, C, Y e Z, mas colocar o homem em contacto com a sua cultura, com a sua história e com o seu Ser,

“Cultura são os instrumentos que o Povo usa para produzir. Cultura é a forma como o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do Povo ao ritmo dos tambores.”. (Freire,1989; p.42)

Esta reflexão procurou apenas pautar algumas ideias que para mim são importantes serem debatidas nos dias de hoje, não só face às desigualdades sociais que continuamos a assistir pelo mundo, mas também porque existe algumas arestas que precisam de ser limadas no na acessibilidade nos museus, neste caso específico, de comunicação. Claro que temos de ter em conta de Paulo Freire foi um filósofo da educação e um educador, mas se conseguirmos parar para refletir, ele pode-se estender a imensas áreas do conhecimento, nomeadamente nas chamadas ciências humanas ou humanidades. Apesar de Paulo Freire ter estado inserido num contexto de ditadura militar no Brasil, ele consegue mover-se entre todos os países e sistemas políticos e em todos os espaços. Nesse sentido Paulo Freire é um libertador, pois conseguiu criar um sistema de ideias que é universal e transcendental. É importante debatermos estes conceitos de Paulo Freire: esperar, ler, observar, pois enquanto ele estiver das nossas memórias o legado dele continuará.

Por último, mas não menos importante, Paulo Freire será uma das grandes referências da investigação de Doutoramento. Não apenas por ser um autor de extrema importância para o contexto da Sociomuseologia e da Educação, mas também porque, como anteriormente já mencionei, o seu legado se estende a várias áreas do conhecimento ido da Filosofia, à Sociologia e à Arte, ciências que juntamente com a Sociomuseologia compõe as áreas de conhecimento do meu campo teórico. Permitir que os homens e mulheres deste mundo se possam ver como obras de arte, museus e fontes de um enorme conhecimento, esse é o legado de Paulo Freire que pretendo continuar a trilhar. Ver arte onde outrora existia apenas crime, arte e amor. Ver tatuagens como cicatrizes trabalhadas de algo imerso nos nossos pensamentos e esperando vir à tona. Ver no corpo a chama da alma, onde a máxima socrática “Conhece-te a ti mesmo” se torna passível de ser atualizada a todo o momento.

Bibliografia:

- FREIRE, P. (1989). A importância do ato de ler. Brasil: Cortez Editora & Editora Autores Associados . (Original publicado em 1982)
- FREIRE, P. (s.d). Educação como Prática da Liberdade. Brasil: Paz e Terra. (Original publicado em 1965)
- FREIRE, P. (2002). Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa. Brasil: Paz e Terra. (Original publicado em 1997)

FREIRE, P. (2003). *Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Brasil: Paz e Terra. (Original publicado em 1992)

FREIRE, P. (2000). *Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos*. Brasil: Editora UNESP.

FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. (Original publicado em 1970)